

Reverberações Contemporâneas do Movimento de Negritude: A ação do rap na expressão de identidades negras¹

Edson Linhares da Silva - UFSCar / SP

Palavras-chave: Negritude; Rap; Identidade

Introdu...Som

Como se fosse a noite, cê vê tudo preto
Como fosse um blackout, cê vê tudo preto
São meus manos, minhas minas, meus irmãos, minhas irmãs... (yeah!)
O mundo é nosso! (hã)
Tipo à noite, cê vê tudo preto
Tipo um blackout, cê vê tudo preto
São cantos de esquinas, de reis e rainhas... (yeah!)
O mundo é nosso (DJONGA; 2017)!

Neste trabalho², será abordado o conceito de “*negritude*”, contextualizando-o como parte de um movimento que busca desmistificar a noção de raça e encontrar ações alternativas para enfrentar o racismo. Apresentarei a importância do Movimento de Negritude³ em suas origens, propondo o rap como uma de suas possíveis reverberações na contemporaneidade.

Para entender o caminho percorrido na produção dos dados, utilizei como campo de estudo o Programa Território Hip-Hop, uma iniciativa promovida pela militância do movimento Hip-Hop de São Paulo e a sociedade civil junto à prefeitura da cidade. Em um primeiro momento, realizei observação participante, o que me permitiu vivenciar e compreender as dinâmicas e interações dos/as jovens negros/as e periféricos/as atuantes no programa. Posteriormente, conduzi um experimento envolvendo dois grupos focais e entrevistas semiestruturadas com alguns/mas desses/as adolescentes, captando perspectivas e conhecimentos situados onde as músicas surgiram como provocação.

¹ “Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2024)”

² A discussão apresentada neste trabalho compõe um dos capítulos da minha dissertação, onde analiso com mais detalhes essa dimensão do Movimento de Negritude, o rap nacional e a importância da identidade para pessoas negras na contemporaneidade.

³ Optei por utilizar a letra maiúscula para a palavra ‘Negritude’ quando se referir ao movimento político-literário iniciado na França. Em contrapartida, adotarei a letra minúscula, ‘negritude’, ao tratar sobre o sentimento de pertença racial que emergiu posteriormente às ações do próprio movimento.

Ao longo do texto, apresentarei trechos das canções utilizadas nessas dinâmicas e os dados produzidos a partir delas, tentando demonstrar como esse gênero musical pode ser considerado um dos possíveis desdobramentos do Movimento de Negritude nos dias atuais. Esse desdobramento, de caráter mais radical, enriquece as discussões sobre identidade e cultura negra.

Diante disso, apresento os/a rappers e as músicas que utilizei como referência para a produção dos dados e construção da pesquisa:

Tabela 1 - Músicas selecionadas para a produção de dados (Baco Exu do Blues)

BACO EXU DO BLUES		
Música	Álbum	Ano de lançamento
Intro	Esú	2017
Bluesman	Bluesman	2018
BB King	Bluesman	2018
Kanye West da Bahia	Bluesman	2018
Sinto tanta raiva...	QVVJFA	2022

Fonte: autoria própria

Tabela 2 - Músicas selecionadas para a produção de dados (Cristal)

CRISTAL		
Música	Álbum	Ano de lançamento
Rude Girl	Single	2019
Jóia Rara	Single	2020
Ambição	Single	2020
Alvo na Rua	Quartzo	2021
Lá em Casa	Quartzo	2021

Fonte: autoria própria

Tabela 3 - Músicas selecionadas para a produção de dados (Djonga)

DJONGA		
Música	Álbum	Ano de lançamento
O mundo é nosso	Heresia	2017
Hat-Trick	Ladrão	2019
Tôbem	O Dono do Lugar	2022
Em quase tudo	O Dono do Lugar	2022
A cor púrpura	O Dono do Lugar	2022

Fonte: autoria própria

Ressonâncias Negras na história

Eu vim lá de África
Tô buscando África

Não é fácil voltar
O sangue vai vingar pelos preto humilhado na cruz
[...] mas tu não vai me lapidar
Nem me apelidar
Vai aprender a lidar (CRISTAL, 2019).

Para iniciar essa discussão, compartilho a seguinte fala reproduzida por um/a participante em uma das dinâmicas realizadas durante a pesquisa: “Eu acho que até hoje tem um apagamento histórico muito grande do que foi a cultura negra. Um assalto aí de uma cultura inteira, que aos poucos a gente vem trazendo lá de trás, mostrando e acrescentando o que é ser preto hoje em dia, sabe” (PARTICIPANTE 3, 2022)?!⁴

Nesta participação, a pessoa destaca a percepção sobre o apagamento histórico da cultura negra e a relevância de resgatá-la e valorizá-la. Diante desse entendimento, torna-se relevante lembrar o papel desempenhado pelo Movimento de Negritude, criado por intelectuais diaspóricos e de origem africana de língua francófona.

A partir da década de 1930, estudantes negros das colônias francesas passaram a ocupar espaços acadêmicos nas universidades europeias, particularmente em Londres e Paris. Por meio de suas articulações, deram visibilidade à importância da cultura negra, enfatizando que era possível combater os estereótipos e preconceitos raciais, bem como promover ideias para a construção de uma sociedade mais inclusiva e diversificada.

A fim de contextualizar e compreender o surgimento da Negritude e, por conseguinte, perceber as influências que a cultura Hip-Hop exerce na contemporaneidade, apresentarei um breve resumo de sua história. Nesse sentido, tentarei mostrar a relevância de suas articulações, começando pelo próprio nome, que já representou um ato revolucionário.

É importante destacar que o Movimento de Negritude teve diversos antecedentes notáveis, em especial, a “Revolução do Haiti⁵” (1791-1804), onde as ideias de resistência

⁴ Muitas das falas e participações que foram redigidas no texto possuem expressões e dialetos que não necessariamente poderiam ser interpretadas como interrogação, exclamação ou apenas um ponto final. Por isso decidi manter as três pontuações juntas nessas ocasiões para que o/a leitor/a entenda como achar melhor. Outro detalhe é que ao combinar esses sinais diferentes e juntos, implica o aumento da carga emotiva do texto.

⁵ Em 22 de agosto de 1791, teve início a Revolução Haitiana, movimento de luta pela independência e libertação de escravizados negros ocorrido na colônia francesa de São Domingos. Doze anos depois, em primeiro de janeiro de 1804, a independência do Haiti foi proclamada. A revolução haitiana projetou a luta autônoma dos povos negros por liberdade e teve papel importante para demarcar uma pauta de direitos sociais e políticos que mobilizou os próprios revolucionários na França e o pensamento ocidental. Tudo ocorreu em um contexto que se combinava com a revolução francesa iniciada em 1789. Para mais informações sobre a Revolução do Haiti, ver: James, C.L.R. Os Jacobinos Negros: Toussaint L’Ouverture e a revolução de São Domingos. São Paulo: Boitempo, 2010.

negra foram postas em prática de maneira radical pela primeira vez. Além desse evento, vale mencionar o movimento afro-estadunidense “*Black Renaissance*”⁶, que se iniciou na década de 1920 e, nas palavras de Aimé Césaire (2010), pode ser considerado o ponto de partida da Negritude.

De maneira sucinta, Kabengele Munanga (2020, p. 43) resume essas influências ao demonstrar que,

[...] as circunstâncias e os fatores históricos nos quais nascem a *negritude* e seu predecessor, o *pan-africanismo*, ambas as expressões pertinentes da volta às origens, fundamentadas principalmente no postulado da identidade cultural de todos os africanos negros. Curiosamente, foram concebidas em espaços fora da África negra. O vento que as levou soprou a partir das Américas, tendo como origem provável os Estados Unidos, passando pelo Haiti, seguindo seu caminho até a Europa, manifestando-se na Inglaterra para se cristalizar, enfim, na França, em Paris, no Quartier Latin⁷. A partir daí alastra-se, cobrindo toda a África negra e os negros em diáspora, isto é, as Américas.

Portanto, levando em consideração as observações acerca das circunstâncias históricas mencionadas, posso agora fornecer uma explicação mais detida sobre as origens e desenvolvimento do movimento.

O Movimento de Negritude em Ritmo e Poesia: Do protesto aos palcos da vida

Se lembre você é humano
Cê é forte aguenta o dano
Dominar o mundo não é mais só um plano
Tudo que a concorrência faz me soa mediano
(BACO EXU DO BLUES, 2018).

⁶Conhecido também como “*Harlem Renaissance*” (Renascimento do Harlem) ou “*New Negro*” foi um movimento cultural que se estendeu a década de 1920. A partir da publicação da obra “*The New Negro: An Interpretation*”, uma coletânea de contos, poesias e ensaios, todos escritos por autores africanos ou afro-estadunidenses organizado pelo filósofo Alain Locke. Se estabeleceu um marco no movimento pós-abolição e pela primeira vez conseguiu fazer com que a cultura dominante prestasse atenção ao que as mentes criativas negras estavam produzindo nos Estados Unidos. Para mais informações ver: “Há 100 anos, o Harlem Renaissance colocava a produção artística negra em seu devido lugar de destaque”. Disponível em: <<https://elle.com.br/cultura/ha-100-anos-o-harlem-renaissance-colocava-a-producao-artistica-negra-em-seu-lugar-de-destaque>>. Acesso em: 05 jul. 2024.

⁷ Região de bairros em Paris que se concentram muitas escolas e Universidades.

Conforme mencionado anteriormente, o Movimento de Negritude emergiu na década de 1930, em Paris, França, principalmente através da publicação de uma revista chamada “*Étudiant Noir*”⁸, que reunia estudantes negros que estivessem pelo país.

A princípio, é importante reconhecer que, antes do surgimento do Movimento de Negritude, muitos autores negros estavam inseridos em contextos dominados pela imposição cultural europeia, resultado direto da colonização. Nesse cenário, esses autores, sem o intuito explícito de promover uma assimilação cultural, acabavam por refletir e perpetuar certas ideias e valores europeus em seus escritos. Assim, quando nos referimos à Negritude, observamos uma mudança significativa que se caracterizava por uma natureza política e literária, sendo liderado por autores que buscavam destacar a riqueza da história africana negra. Eles reivindicavam a liberdade criativa dos intelectuais negros e rejeitavam qualquer forma de imitação do Ocidente. Além disso, a Negritude surgiu da ideia de que pessoas negras, independentemente do lugar que estivessem, compartilhavam uma história comum de opressão resultante do colonialismo. Isso criou um senso de identificação e solidariedade entre essa população, que estava geograficamente separada, mas unida pela experiência da violência colonial. Essa união foi fundamental para o ressurgimento da consciência histórica para a busca pela libertação da exploração colonial (CÉSAIRE, 2010; MUNANGA, 2020).

O espírito da Negritude que nasceu nesse momento, tratou do processo de olhar para a cor da pele e mobilizá-la de forma positiva, de resgatar a cultura negra ao positivar tudo aquilo que a colonização impôs e negativava o que estava relacionado ao ser do substantivo negro (CÉSAIRE, 2010; MOORE, 2010).

Atualmente, percebe-se no gênero musical rap, uma de suas possíveis reverberações como forma de resistência e de afirmação da negritude, sendo uma poderosa ferramenta de luta contra o racismo e a discriminação, como destacado na seguinte fala do Grupo Focal sobre sua importância:

Você aceita sua pele, aceita seu cabelo, aceita a sua aparência porque você escutou aquela música e aí você se sente representado por aquele artista. [...] a gente aprende sobre o que é nosso, é sobre nossa ancestralidade e é uma ‘parada’ que fica mais ‘foda’ ainda pra falar, ‘tá ligado’ (PARTICIPANTE 5, 2022)?!

Este depoimento ressalta a importância da representatividade na construção da identidade negra e da autoestima através do rap. Sugere que, por meio da música, as

⁸ Tradução direta: “Estudante Negro”.

peças negras encontram artistas que expressam suas experiências, o que as conecta com suas origens e ancestralidade. Assim, a articulação do Movimento de Negritude em sua época foi fundamental, pois reforçou a importância da valorização dessa identidade e da união entre pessoas negras ao redor do mundo, na luta contra o racismo e a opressão colonial, cujos ecos podemos observar, contemporaneamente, por meio do gênero musical rap.

Durante suas ações, a potência que o termo negritude adquiriu na construção de uma identidade elaborada pela linguagem poética acabou se tornando o cerne de um amplo movimento antirracista da época. Por meio de sua ressignificação, a palavra passou a ter uma conotação positiva.

minha negritude não é uma pedra, sua surdez lançada
contra o
clamor do dia
minha negritude não é uma mancha de água morta sobre o
olho
morto da terra
minha negritude não é uma torre nem uma catedral

ela mergulha na carne rubra do solo
ela mergulha na carne ardente do céu
ela perfura o abatimento opaco com sua reta paciência
(CÉSAIRE, 2012, p. 65).

Ao que tudo indica, a expressão *negritude* apareceu pela primeira vez no poema de Césaire (2012) em 1939, “*Cahier d'un retour au pays natal*”⁹, no qual ele quis fazer uma provocação e reconceituá-la, já que a mesma tinha um significado pejorativo.

Nessa época, a palavra “negro” no sentido ontológico era associada a conceitos como feiura, sujeira, primitivismo e inferioridade. Era impensável usar expressões como “negro belo”, “negro lindo”, “negro forte”, ou “negro verdadeiro”, pois essas combinações de palavras soariam como ofensas. Portanto, o trabalho do Movimento de Negritude pode ser considerado revolucionário para o seu tempo. Ele resultou em uma ressignificação profunda de uma palavra que até então não tinha lugar no vocabulário de qualquer idioma (MUNANGA, 2020).

Como observado por Moore (2010, p. 7), “Ela é, certamente, o conceito que mais positivou as relações raciais no século XX”.

Diante disso, percebemos nos dias atuais, por meio da experiência estética proporcionada pela música rap, que a concepção de negritude continua a ecoar como uma

⁹ Tradução: Diário de um retorno ao país natal.

das principais fontes de resistência e emancipação subjetiva entre a juventude negra. No entanto, essa ressonância ocorre de maneira mais radical do que em sua origem. O rap não apenas recupera a positividade associada ao termo ‘negro’, mas também percorre as diversas reações possíveis a partir dessa resignificação, conforme percebemos nas falas produzidas durante as dinâmicas realizadas e nas letras de rap utilizadas no decorrer do texto. Um dos diversos exemplos que ilustram esse posicionamento pode ser encontrado no seguinte trecho da música de Cristal (2020):

Mano eu sou uma estrela, minha pele brilha
Pergunte o segredo e eu digo: Melanina
Solta os *dread*, solta as trança e esse *black, nigga*
Brilha tipo estrela, nossa pele brilha
[...]
Tu quer minha dança, minha música,
Não tem meu *swing*
Meus neto já vão nascer com caro sobrenome
Isso é *black skin, white keep watching*
Pra que *Barbie girl*, se ‘nóis’ pode ser uma Abayomi
Nunca cai do salto, quem já nasceu uma Naomi
Uso joia rara pra combinar com meu nome
Com a cor de Jesus, olhei por vocês
Renasci agora minha pele brilha (Amém)
‘Cês falam do ouro’, eu já tenho o tesouro,
Minha pele brilha

Nessa letra, percebe-se uma expressão artística que valoriza e afirma a identidade negra, bem como questiona estereótipos e preconceitos raciais. Isso está em consonância com as propostas da Negritude, que buscava valorizar a cultura e a identidade negra como forma de resistência ao racismo e à opressão. Desse modo, constata-se uma forte influência do Movimento de Negritude, em relação ao mergulhar dentro de si para trazer a humanidade retirada pelo colonialismo ao positivar as características da população negra e ir além.

Nas palavras a seguir de Ana Vitória, uma das pessoas entrevistadas na pesquisa, é possível perceber que essa abordagem estabelece um vínculo importante entre a juventude negra e o rap que exalta a negritude. Essa percepção se transforma em uma ferramenta de autoafirmação, permitindo que os indivíduos se reconheçam como pessoas negras e compreendam melhor sua posição no mundo. Ana Vitória explica:

Sim ele ajuda muito também de você se enxergar como negro, mas você não se entende. Você se vê no espelho, você sabe que é uma pessoa negra, mas você não se entende como uma pessoa negra e você entender como funciona o seu cabelo, ou como a sociedade te vê ou como você se vê, o rap ajuda muito nessa função.

Essa participação destaca a importância do rap na formação da identidade negra e no processo de autoconhecimento dos indivíduos negros. É possível afirmar que o rap se apresenta como um instrumento através do qual as pessoas negras podem se reconhecer como parte de um grupo cultural e étnico, compreendendo as questões relacionadas à negritude e fortalecendo-se enquanto coletividade.

Da mesma forma, a resposta de Kereseth, outro entrevistado, complementa esse raciocínio: “está muito no lance da autoestima, então quando uma pessoa se olha no espelho e consegue se aceitar e se sentir bem com o que ela vê, isso já é um método revolucionário”.

Entendemos que a auto aceitação e a autovalorização desempenham um papel importante na construção de uma identidade negra positiva e na superação das opressões históricas enfrentadas pela população negra. Além disso, a fala produzida no Grupo Focal reforça essa ideia:

“Hoje está num ponto que é transformar isso em autoestima, não só falar de revolta e criticar os pontos que tem a mudar na sociedade, mas como autoestima, muita forma de autoestima né” (PARTICIPANTE 4, 2022)?!

E, ainda, continuando essa reflexão no Grupo Focal, observamos a importância do rap em empoderar a juventude negra:

“A questão de empoderar também né? Tem letras que falam isso, de enaltecer a pele preta, de enaltecer o ‘cabelo *black*’ e ‘tals’” (PARTICIPANTE 6, 2022).

Todas essas contribuições destacam a relevância da autoestima e auto aceitação na construção de uma identidade negra e na superação de opressões históricas. Dessa forma, algumas letras de rap transmitem mensagens que enaltecem e promovem a valorização da cultura negra, tornando esse gênero musical uma ferramenta significativa na construção da identidade, permitindo que as pessoas negras se enxerguem de forma positiva e se sintam bem consigo mesmas.

Diante dessas considerações, notamos como o rap repercute e atualiza o que o Movimento de Negritude iniciou décadas atrás. Ao defender a autoestima da população negra e incentivá-la a se aceitar como seres humanos, o rap age em contraste com a estrutura deixada pelo sistema colonial que historicamente se empenhou e continua se esforçando diariamente para inviabilizar tal forma de identificação. Isso é demonstrado pelo depoimento compartilhado no Grupo Focal:

Eu comecei a ouvir rap desde pequeno mesmo, mas quando eu fui parar pra ver e focar nisso sobre o que tava falando, acho que foi em 2010,

2012 [...] que comecei a me identificar mais, porque o pessoal gostava de ‘zoar’ meu nariz, minha boca, meu cabelo, meus traços negros e, ‘mano’, foi um ‘bagulho’ que foi me causando revolta e eu não sabia o que fazer. Quando era ‘menor’ eu raspava o cabelo, não me aceitava, ‘tá ligado’?!. Então, tipo, e o rap foi trazendo esse conhecimento e o empoderamento pra mim de me aceitar como eu sou, ‘tá ligado’ (PARTICIPANTE 7, 2022)?!.

Essa declaração destaca a importância do rap na construção da autoestima e de uma identidade negra no sentido positivo. O depoimento compartilhado relata que, desde a infância, o participante enfrentou o preconceito devido à sua aparência física, levando-o a não se aceitar e a tentar mudar sua aparência, como raspar o cabelo (uma tentativa de esconder traços de sua negritude), por exemplo. Porém, ao descobrir o rap e sua mensagem de empoderamento e valorização da cultura negra, ele passou a se identificar de forma mais significativa como uma pessoa negra e a aceitar seu fenótipo.

Como mencionado previamente, o Movimento de Negritude desempenha um papel fundamental nessa transformação, com sua influência sendo reverberada na cultura Hip-Hop como parte de um processo histórico não linear e determinista. A maneira pela qual essas expressões artísticas são abordadas e recebidas pela juventude negra nos dias atuais é, em grande parte, um legado das iniciativas da Negritude no passado. Um exemplo notável disso pôde ser encontrado na letra compartilhada da rapper Cristal (2020).

É relevante observar na íntegra a nota do tradutor para o português da obra “Reflexões sobre o Racismo” no texto “Orfeu Negro” de Jean-Paul Sartre (1965), que aborda a palavra ‘*negritude*’ e toda a sua complexidade na época em que foi utilizada:

O termo “negritude” não se encontra registrado em dicionário, tal como ocorre com a palavra *négritude* utilizada por Sartre e pelos escritores negros da língua francesa¹⁰. Termo indispensável, insubstituível pelo nosso “pretidão”, devido à sua riqueza de significações, já foi, de resto, incorporado ao vocabulário da poesia negra da língua portuguesa. Mário Pinto de Andrade, intelectual negro de Angola, em sua introdução à *Antologia da Poesia Negra de Expressão Portuguesa* (Ed. Pierre Jean Oswald, Paris, 1958), escreve:

“... sei que alguns espíritos portugueses bem pensantes esperam de mim que renuncie finalmente ao termo *negritude*. Pois bem: um *dépassement* da negritude é um fato evidente entendido como simples afirmação do ato de existir do mundo, sobretudo com a poesia negra de expressão francesa que constitui o seu principal veículo¹¹. Mas o poeta negro em nada deve renunciar à sua qualidade ou às suas características; pelo contrário, o fundamento de sua universalidade reside na plena

¹⁰ Grifos meus.

¹¹ Grifos meus.

afirmação de sua particularidade que não é puramente étnica mas tanto histórica como social e cultural, numa palavra, humana” (N. do T) (SARTRE, 1965, p. 99).

Contrariando os linguistas da época que a recusavam, se aprofundarmos nossa análise, constatamos que a palavra negritude e seu significado emergem como uma ruptura com a própria língua. Mesmo diante da disputa relatada pelo poeta angolano e o tradutor português em sua utilização, sua incorporação aos textos foi um verdadeiro drama.

De acordo com Sartre (1965, p. 105), “[...] visto que o opressor está presente até na língua que eles falam, falarão esta língua para destruí-la”. Isso evidencia que a luta pela Negritude foi algo muito além de um simples termo em qualquer língua colonizadora que fosse inserida.

Sartre (1965) destaca que, naquele contexto, a expressão poética se mostrava como o caminho mais radical para a comunidade negra, possibilitando que cada indivíduo se engajasse em um projeto de liberdade no mundo. Esse existencialismo, como filosofia da liberdade, encontra sua exemplificação na vivência poética, especialmente quando se trata da capacidade de cada sujeito se reconstituir diante de qualquer imposição em suas vidas.

Essa situação nos remete à contemporaneidade, como destacado por Baco Exu do Blues (2018) ao proferir:

Olha bem pra minha cara, filho engole o choro
Meus ancestrais se banhavam com ouro
Olhe bem pra minha pele, ela reluz, seu tolo
[...]
Ser preto não é só ter pele
Coisa que joalheiro entende
A minha cultura é minha febre
Eu sou a explicação pra quem não sente

Nessa perspectiva, Sartre (1965) enfatiza a relevância da linguagem na luta contra o racismo, uma vez que até mesmo a língua imposta pelo colonizador pode ser utilizada como instrumento de resistência e libertação. Notavelmente, o tradutor para o português manteve uma palavra que não existia em seu vocabulário devido à sua carga semântica e representativa no contexto literário. Além disso, a poesia é ressaltada como uma forma radical de expressão, permitindo ao indivíduo engajar-se em um projeto de liberdade no mundo e reconstituir-se diante de qualquer imposição em sua vida. Sendo assim, o trecho de Baco Exu do Blues (2018) também reforça a ideia de que ser negro é mais do que

apenas ter uma pele escura, abrangendo uma cultura rica e valiosa que busca valorizar uma história frequentemente ignorada ou negada pelo colonialismo.

Entretanto, Sartre (1965) nos mostra que, ao tentar positivar questões relacionadas à raça, cabe ao negro tomar consciência daquilo que se é, de ser negro. Em outras palavras, o negro seria autêntico por si só, pois não teria como fugir dessa condição inerente à sua pessoa.

Nessa condição, é importante reconhecer que esse posicionamento pode levar à essencialização¹² da negritude, transformando-a em um fim em si mesma. Isto é, há o risco de perder a percepção de um novo ser e de existir no mundo de maneira libertadora e transformadora, além das limitações impostas pelo rótulo de ‘negro’.

Como observaremos mais adiante, Fanon (1968; 2008) apresenta diversas críticas a essa abordagem, destacando que, se houvesse uma essência fixa no ser negro, nada mais de diferente este sujeito poderia ser, ficando restrito em suas próprias ações na busca por se libertar do “círculo infernal” do racismo. Na realidade, o que ocorre é ao contrário, a luta do sujeito negro é pela conquista de sua humanidade e pela superação das amarras impostas pelo sistema colonial, recusando-se a permanecer aprisionado por elas.

Durante as dinâmicas para a produção de dados, ao questionar os/as participantes sobre os sentimentos que emergiam ao ouvir as mensagens do rap em relação à negritude, tornou-se evidente a relevância desse gênero musical para a juventude negra. Essa percepção foi compartilhada conforme o diálogo abaixo ocorrido no Grupo Focal:

Acho que é muito de acolhimento. Eu como uma pessoa negra, eu me reconheço muito em tudo isso que está sendo dito, ‘tá ligado’?!. Já fui confundido com bandido, também estou num processo de construir minha autoestima, então tudo isso conversa comigo, ‘tá ligado’?!. Então, acho que é bem um lugar de acolhimento e eu fico tipo:

- Nossa! Que bom que alguém tá falando isso! Que bom que alguém colocou isso num *beat* para as pessoas escutarem (PARTICIPANTE 1, 2022)!

Acho que é um lugar de pertencimento mesmo! Acho que é comum a gente escutar, ler e se reconhecer nesse lugar! [...] Dá inclusive, uma perspectiva de futuro pra gente, de olhar pra frente e saber que a gente pode chegar lá, independente das barreiras (PARTICIPANTE 4, 2022).

Nas falas mencionadas, observamos como o rap se configura como um espaço de acolhimento e representatividade para pessoas negras, oferecendo-lhes a oportunidade de se sentirem incluídas e empoderadas em um mundo que frequentemente as exclui e oprime. Enquanto o colonialismo historicamente negou a humanidade da população

¹² Processo de categorização social que se baseia na crença de que existem atributos imutáveis que naturalmente distinguem o ser negro do ser branco.

negra, e o racismo ainda se perpetua na estrutura que legitima essas ações, esses depoimentos revelam que a luta antirracista se torna a negação dessa negação, algo que deve ser efetivado na prática. É nesse contexto que a cultura Hip-Hop assume seu papel de modo mais radical na contemporaneidade. Da mesma forma que o branco criou o negro, o negro tornou-se o responsável pela criação da negritude, recusando-se a ser objeto de dominação e reafirmando não apenas sua identidade negada, mas também sua autonomia como sujeito, conforme ressaltado por Césaire (1978; 2010).

Essa perspectiva também é expressa por Baco Exu do Blues (2018), no raciocínio a seguir:

Eu sou o preto mais odiado que você vai ver
Eu não abaixo a cabeça, não vou te obedecer
Ser preto de estimação não, eu prefiro morrer
Sinhozinho eu troco soco nunca fui de correr
[...]
Seu rótulo não toca na minha poesia [...]
Seus rótulos não tocam na minha poesia
Não, não, não nunca vão tocar!

Diante desse posicionamento, enfrenta-se o racismo dentro do próprio campo racial, alicerçado no momento em que a população negra toma consciência de que é vítima da opressão devido à cor de sua pele, determinando a consciência-posicionamento frente ao racismo. Essa ação também não é apenas teórica; ao contrário, é a libertação das imposições que o pensamento ocidental reducionista estabeleceu, acarretando a abertura para um novo mundo. Ou, como bem descreveu Moore (2010, p. 37), “além do enfrentamento ao racismo em si, é uma forma de consciência contrária a todas as demarcações prejudiciais surgidas no mundo para designar um Outro”.

Inclusive, a resistência ao racismo elevou essa população ao patamar de protagonista na história e na construção de si próprios, reestabelecendo a sua humanidade e a superação de qualquer estrutura que se consolidou nesse aparato político racial de dominação. Isto é, a construção da negritude como oposição efetiva às amarras sociais impostas pelo sistema colonial.

É uma maneira de viver a história dentro da história; a história de uma comunidade cuja experiência parece, em verdade, singular com suas deportações de populações, seus deslocamentos de homens de um continente a outro, suas lembranças distantes, seus restos de culturas assassinadas (CÉSARIE, 2010, p. 109).

Sendo assim, a negritude seria uma estratégia de afirmação e reafirmação de si, a tomada de consciência da diferença e do direito ao diferente, da memória, da

solidariedade, da revolta, da ofensiva, da busca por igualdade e de uma identidade no sentido de se livrar do passado imposto como fardo pela colonização no contexto de discriminação, para evoluírem como seres humanos e estabelecerem sociedades justas.

Entretanto, Fanon (2008) nos mostra que ao lidar com o racismo, o sujeito racializado como negro mantém-se prisioneiro dentro do que ele chama de ‘círculo infernal’ na configuração como está posta a sociedade, seja na afirmação da própria negritude e/ou na tentativa de mostrar que o negro não é diferente do branco na direção de uma possível humanidade¹³.

No trecho a seguir, Baco Exu do Blues (2022) evidencia como é estar preso nessa estrutura organizada pelo racismo ao notar que, mesmo alcançando um status social diferenciado e mais elevado na sociedade capitalista, o substantivo negro continuará a persegui-lo por consequência da cor de sua pele:

Chega perto, vou contar um segredo
Se acostume a ver preto e dinheiro
São só notas, baby, não fique com medo
Fiz milhões, continuei negro (surpreendente)
Vença, vença, vença, vença mesmo (BACO EXU DO BLUES, 2022).

Em reação a essa afirmação, compartilhamos um depoimento do Grupo Focal que destaca a importância de vozes como a de Baco Exu do Blues, que desafiam estereótipos e abrem caminhos para novas narrativas e possibilidades para pessoas negras: “Não tem uma pessoa preta em posição de poder. Então, quando ela vê uma pessoa preta falando de riqueza, falando de autoestima, de amor, ela já está acessando outro tipo de possibilidade” (PARTICIPANTE 3, 2022).

Baco Exu do Blues (2022), expressa uma mensagem de autoafirmação e superação financeira. O rapper aborda a ideia de normalizar a presença de pessoas negras associadas à prosperidade econômica, desafiando estereótipos e preconceitos. Ele sugere uma

¹³ Há uma perspectiva teórico-política que posiciona Fanon como antagonista do Movimento de Negritude. Contudo, minha perspectiva diverge dessa interpretação. Embora Fanon em sua obra “Os Condenados da Terra”, apresente críticas contundentes ao movimento, entendo que suas reflexões elevam as ideias da Negritude a novos patamares, abrindo horizontes para inovações e direcionamentos. Nessa dinâmica, o rap emerge como uma das possíveis reverberações desse processo. A interação de jovens com esse gênero musical não apenas modela, mas também forja uma nova subjetividade, transformando-a em algo mais radical. Essa perspectiva destaca a influência e a capacidade do rap de reinterpretar e revitalizar as lutas negras, incorporando novas formas de resistência e desafios. Tal abordagem pode ser analisada à luz do pensamento de Fanon na terceira fase de ruptura colonial, onde a cultura se apresenta como algo subversivo. Para mais detalhes ver: FANON, Frantz. Os Condenados da Terra. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

resistência às pressões sociais, dando a entender que, mesmo superando a pobreza e a miséria, continuará sendo um ‘negro’.

A fala extraída do Grupo Focal dialoga com esse posicionamento, ao refletir sobre a relevância de narrativas que apresentem pessoas negras falando sobre sucesso, autoestima e amor. A ausência de representatividade negra em posições de poder é destacada como um contexto significativo, transformando essas histórias em fontes valiosas de inspiração e possibilidade para a comunidade negra. Em outras palavras, a ideia é que testemunhar pessoas negras abordando positivamente esses temas representa uma abertura para novas perspectivas e oportunidades.

Citando Fanon (2008, p. 107), “de um homem exige-se uma conduta de homem; de mim, uma conduta de homem negro – ou pelo menos uma conduta de preto. Eu acenava para o mundo e o mundo amputava meu entusiasmo. Exigiam que eu confinasse, que encolhesse”.

Notamos como as expectativas e exigências sociais são moldadas pela raça. A sensação de ser constantemente monitorado e avaliado por uma “conduta de preto” sugere que não existe a liberdade para a pessoa simplesmente se tornar humana no sentido mais amplo. Essa perspectiva revela as pressões e restrições impostas à população negra, forçando-a a moldar seu comportamento de acordo com estereótipos raciais pré-definidos.

A todo momento, sobreviver neste mundo é enfrentar uma frustração profunda e a sensação de desilusão. Isso significa que, independentemente das aspirações ou desejos individuais, a configuração sócio-histórica na qual estamos imersos e suas expectativas raciais limitantes, constantemente dificulta o sujeito racializado como negro a se expressar plenamente. Essa restrição não é apenas física, mas também psicológica, sugerindo um constante aperto das possibilidades e da liberdade pessoal devido à sua identidade racial, como apontado no trecho da música de Baco Exu do Blues (2022).

Assim, percebe-se a armadilha imposta, entendendo que em uma sociedade racista, tanto na estratégia de assimilação e desejo de se tornar um igual, quanto na afirmação reativa da negritude, ao positivar o que antes era considerado um estigma em relação à norma, o ser branco continua sendo a referência a partir da qual se pensa e age no mundo.

Nesse contexto de reflexão, Mbembe (2018, p. 92) contribui com uma postura de resistência e rejeição dessa imposição que a sociedade projeta sobre a população negra, ao afirmar:

Não sou negro [...]. Negro não é nem meu sobrenome nem meu nome, muito menos minha essência e minha identidade. Sou um ser humano e isso basta. O outro pode me impugnar esta qualidade, mas nunca conseguirá me despojar dela ontologicamente. O fato de ser escravo, de ser colonizado, de ser alvo de discriminações ou de toda a sorte de abusos, vexações, privações e humilhações em virtude da cor da pele não muda absolutamente nada disso. Continuo a ser um ser humano, por mais intrínseca que seja a violência das tentativas que pretendem me fazer acreditar que não sou.

O que podemos compreender diante desses posicionamentos é que o sistema colonial ao nomear o negro e estabelecê-lo como uma espécie de sub-raça na expectativa de uma definição animalesca ou na destruição de qualquer expectativa de vida, inconscientemente, a Negritude entendida nessa configuração, se pautaria por um grande delírio que produz fantasias, obrigando o sujeito racializado como negro a colocar máscaras sobre si mesmo, na qual acarretaria de afastá-lo de sua humanidade por consequência do racismo.

Por esse motivo, Fanon (2008) critica as formas de engrandecimento que a Negritude buscava afirmar como possibilidades de serem reconhecidas e integradas pelo mundo branco. A advertência feita é que a máscara sempre cai e o ser negro tomba junto com ela. Nessa desqualificação sistemática e de afirmação da negritude na estrutura que define o processo de construção do eu racializado, surge uma potência enquanto ação e movimento daquilo que não se estabiliza entre o nada e o infinito, o que significa não estar mais preso a nenhuma essência. Logo, há a possibilidade de se multiplicar, como nos fala Djonga (2022): “aonde ninguém pisa, nós que anda”.

Portanto, quando algo escapa e não é possível ser integrado e reconhecido socialmente pela branquitude, são nesses resíduos deixados para trás que se encontram as maiores potências para uma mudança radical na construção de uma nova humanidade.

Eu sou dádiva, mas me recomendam a humildade dos enfermos...
Ontem, abrindo os olhos ao mundo, vi o céu se contorcer de lado a lado.
Quis me levantar, mas um silêncio sem vísceras atirou sobre mim suas
asas paralisadas. Irresponsável, a cavalo entre o Nada e o Infinito,
comecei a chorar (FANON, 2008, p. 126).

É nesse momento do “fundo do poço” que emerge uma força subversiva sem estabelecer nenhuma relação de compromisso com os valores burgueses. A negritude surge como a possibilidade daquilo que não se enquadra nas lógicas da construção de cidadania, formação social e de conhecimento dentro da perspectiva da dinâmica ocidental.

Considerações finais

Autoestima, eu te amo
Piva, nessas ruas eu me sinto rei
Eu vivi, eu caí, eu me consertei
Sou resultado das pessoas que eu amei
Eu bebi, eu transei, eu me transformei
Três nove na camisa e eu me sinto um rei (BACO EXU DO BLUES,
2018).

No contexto contemporâneo, o Hip-Hop se manifesta como uma expressão cultural profundamente subversiva. Originado das periferias e impulsionado por uma resistência contínua, ele ressoa especialmente porque a estrutura elaborada no colonialismo ainda persiste em suas formas variadas. O rap, nesse sentido, não apenas representa um grito de liberdade, mas também utiliza a arte da música como uma poderosa ferramenta de combate. Assim, indivíduos das periferias criam e moldam a cultura como um meio de resistência ativa, conforme sugere Fanon (1968).

Ao configurar oportunidades de justiça, torna possível a desejável libertação negra enquanto equacionamento da humanidade para que implique na reestruturação do mundo sem olhar a Europa ocidental como ponto de referência (FANON, 1968; MBEMBE, 2018).

Ao analisarmos a postura e a determinação de Djonga (2019), temos um exemplo significativo dessa atitude radical, como ilustrado no seguinte trecho:

O dedo
Desde pequeno geral te aponta o dedo
No olhar da madame eu consigo sentir o medo
Você cresce achando que cê é pior que eles
Irmão
Quem te roubou te chama de ladrão desde cedo
Ladrão
Então, peguemos de volta o que nos foi tirado
Mano
Ou você faz isso ou seria em vão o que os nossos ancestrais teriam
sangrado
De onde eu vim quase todos depende de mim
Todos temeram meu não
Todos esperam o meu sim
Do alto do morro rezam pela minha vida
Do alto do prédio pelo meu fim
Ladrão
No olhar de uma mãe eu consigo entender o que pega com o irmão
Tia, vou resolver seu problema
Eu faço isso da forma mais honesta
E ainda assim vão me chamar de ladrão
Ladrão (DJONGA, 2019)!

Em vista disso, a cultura Hip-Hop se encaixa nessa perspectiva ao assumir uma responsabilidade fundamental que parte da própria experiência prática e na produção de um discurso engajado estrategicamente no enfrentamento do racismo e na formação crítica dos sujeitos.

Portanto, o horizonte antirracista busca superar a alienação causada pela racialização dos povos criada pelo colonialismo. Nesse contexto, percebe-se uma disputa inserida em um campo conflitual em constante atualização, onde se vivencia um sentido original da Negritude. Isso implica exercer e expor a própria humanidade, sem negar a categoria negro, que continua a operar objetiva e subjetivamente nas relações sociais do dia a dia. A reivindicação da negritude traz elementos de denúncia e enfrentamento do sistema socioeconômico e cultural hegemônico como estratégia para eliminar o dispositivo racial estabelecido.

O rap é um exemplo dessa abordagem, como demonstrado no trecho a seguir:

Falo o que tem que ser dito
Pronto pra morrer de pé
Pro meu filho não viver de joelho
Cê não sabe o que é acordar com a resposta
Que pros 'menor' daqui eu sou espelho
(É!) Cada vez mais objetivo
Pra que minhas irmãs deixem de ser objeto
E parece que liberaram o preconceito
Pelo menos antigamente esses 'cuzão' era discreto (DJONGA, 2019).

Para finalizar, através da análise das letras de rap nas dinâmicas realizadas, além das experiências compartilhadas pelos/as jovens participantes do Programa Território Hip-Hop, torna-se evidente a potência desse gênero musical como ferramenta de resistência e transformação social. O rap não apenas reflete as realidades vividas pelos indivíduos negros e periféricos, mas também oferece uma plataforma para a articulação de uma identidade fluída, coletiva e a reivindicação de direitos e dignidade. Assim, ao reconhecer e valorizar essas expressões culturais, avançamos no combate ao racismo e na construção de uma sociedade mais justa e igualitária. O Movimento de Negritude, reverberando atualmente nas batidas e rimas da cultura Hip-Hop, continua a inspirar e impulsionar as novas gerações na luta por um futuro em que a racialização dos povos seja algo do passado.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Jéssica. Há 100 anos, o Harlem Renaissance colocava a produção artística negra em seu lugar de destaque. **Elle**, São Paulo, 09 de jul. de 2020. Disponível em: <<https://elle.com.br/cultura/ha-100-anos-o-harlem-renaissance-colocava-a-producao-artistica-negra-em-seu-lugar-de-destaque>>. Acesso em: 05 jul. 2024.
- BACO EXU DO BLUES. **Intro (part. KL Jay)**. Salvador: Independente: 2017. CD, Faixa 1 (2min13seg).
- BACO EXU DO BLUES. **Bluesman**. Salvador: Selo EAE0 Records: 2018. Streaming, Faixa 1 (2min53seg). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=82pH37Y0qC8>>. Acesso em: 24 mar. 2023.
- BACO EXU DO BLUES. **Kanye West da Bahia (part. DKVPZ e Bibi Caetano)**. Salvador: Selo EAE0 Records: 2018. Streaming, Faixa 5 (4min10seg). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=7wwEB2VTFZ4>>. Acesso em: 24 mar. 2023.
- BACO EXU DO BLUES. **BB King**. Salvador: Selo EAE0 Records: 2018. Streaming, Faixa 9 (3min19seg). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=qYPZYyPYDeA>>. Acesso em: 24 mar. 2023.
- BACO EXU DO BLUES. **Sinto Tanta Raiva....** São Paulo: 999 – Altafonte: 2022. Digital/Streaming, Faixa 1 (2min50seg). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=9H195BEIHZ4>>. Acesso em: 20 mar. 2023.
- CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre o colonialismo**. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1978.
- CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre a Negritude**. Belo Horizonte, Nandyala Livros e Serviços Ltda, 2010.
- CÉSAIRE, Aimé. **Diário de um retorno ao país natal**. São Paulo, Edusp – Editora da Universidade de São Paulo, 2012.
- CRISTAL. **Rude Girl**. Porto Alegre: Independente: 2019. Digital/Streaming, (3min26seg). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2QOd8R_9ACM>. Acesso em: 24 mar. 2023.
- CRISTAL. **Ambição**. Porto Alegre: Independente: 2020. Digital/Streaming, (3min43seg). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=n8VDwSvkKuQ>>. Acesso em: 21 mar. 2023.
- CRISTAL. **Jóia Rara**. Porto Alegre: Independente: 2020. Digital/Streaming, (3min13seg). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qWvrTz_5bBY>. Acesso em: 20 mar. 2023.
- CRISTAL. **Lá em casa**. Porto Alegre: Independente: 2021. Digital/Streaming, Faixa 5 (4min41seg). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=-QC3jlniebA&list=PLoLEwYYxeEnOgKYOsSD-o2HHSd-osDZao&index=5>>. Acesso em: 24 mar. 2023.

CRISTAL. **Alvo na Rua**. Porto Alegre: Independente: 2021. Digital/Streaming, Faixa 6 (3min28seg). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=g7rSjPnc0Vo&list=PLoLEwYYxeEnOgKYOsdS-o2HHSd-osDZao&index=6>>. Acesso em: 24 mar. 2023.

DJONGA. **O mundo é nosso**. São Paulo: Ceia: 2017. Digital, Faixa 10 (3min20seg). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=00Aq3n8SlMU>>. Acesso em: 24 mar. 2023.

DJONGA. **Hat-Trick**. São Paulo: Ceia: 2019. Digital/Streaming, Faixa 1 (4min29seg). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=dGLAZ2izDiY>>. Acesso em: 24 mar. 2023.

DJONGA. **Tôbem**. Belo Horizonte: A Quadrilha: 2022. Digital/Streaming, Faixa 1 (3min26seg). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Hm_np5m_YM4>. Acesso em: 24 mar. 2023.

DJONGA. **Em quase tudo**. Belo Horizonte: A Quadrilha: 2022. Digital/Streaming, Faixa 5 (3min23seg). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=YrUKFGFlxBQ>>. Acesso em: 24 mar. 2023.

DJONGA. **A cor púrpura**. Belo Horizonte: A Quadrilha: 2022. Digital/Streaming, Faixa 9 (3min20seg). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=e4HSm90Jsng>>. Acesso em: 24 mar. 2023.

FANON, Frantz. **Os Condenados da Terra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

FANON, Frantz. **Pele Negra Máscaras Brancas**. Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia, 2008.

JAMES, C.L.R. **Os jacobinos negros: Toussaint L'Overture e a revolução de São Domingos**. São Paulo: Boitempo, 2010.

MOORE, Carlos. Negro Sou, Negro Ficarei!. In: **Discurso sobre a Negritude**. Belo Horizonte, Nandyala Livros e Serviços Ltda, 2010.

MBEMBE, Achille. **Crítica da Razão Negra**. 2ª ed., São Paulo: N-1 edições, 2018.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude: usos e sentidos**. 4ª ed., Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

SARTRE, Jean-Paul. **Reflexões Sobre o Racismo**. 4ª ed., São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1965.